



Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização

nos Países de Língua Portuguesa

ISSN: 1980-7686

suporte@mocambras.org

Universidade de São Paulo

Brasil

da Silva, Nilce

Moçambique está ficando perto

Revista Eletrônica Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa, vol. I, núm. 1,
setembro- fevereiro, 2007, pp. 87-91

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=87910109>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Entrevista



Fernando José de Almeida*

por Nilce da Silva**

MOÇAMBIQUE ESTÁ FICANDO PERTO

Nilce da Silva: Sabemos que o professor tem trabalhado tanto com o uso de computadores em sala de aula, para professores e alunos, como com a educação à distância. Levando em consideração que o Brasil é um país que conta com um número grande de pessoas e, portanto, de alunos que não dominam suficientemente bem a Língua Portuguesa, como o senhor propõe este uso do computador? Conectado ou não à Internet?

Fernando José de Almeida: O professor tem que usar o computador como um instrumento de leitura, no sentido de mostrar para o aluno que ler imagens, ler sons, ler letras, ler acontecimentos que estão se dando na rua é a mais profunda e radical forma de ler.

* Fernando José de Almeida é filósofo e pedagogo, Doutor em Filosofia da Educação pela PUC-SP e com pós-doutorado no IRPEACS/CNRS-Lyon/França, nas áreas de Informática e Educação. Atualmente é professor do Programa de Pós-graduação em Educação – Currículo da PUC-SP. Trabalha no programa de cooperação para formação de doutores e mestres na Universidade Pedagógica de Moçambique, desde 1998, num convênio PUC-SP/UP/Banco Mundial. Foi Secretário de Educação da cidade de São Paulo (2001-2002).

** Nilce da Silva, é pós-doutorada na Université Paris Nord e docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

É exatamente isso que o Paulo Freire diz quando afirma que, antes de eu saber ler um texto, eu tenho que saber ler o mundo, e essa leitura do mundo, não é uma leitura espontânea, é ela que o professor tem que ensinar.

O computador pode ajudar. Ele é um amplificador do olhar, ele é amplificador da fala, ele é amplificador da manipulação de dados. Portanto, ele permite novas leituras, ele não se opõe à leitura. Precisa-se primeiro ler para, depois, aprender-se a manipulação do computador. Se eu tenho um projeto pedagógico, em que o computador trabalha como um competente mediador de leitura, ele funciona. Não precisa ler antes, para, depois, aprender a usar o computador. Essa é a primeira coisa. As aprendizagens se dão simultaneamente.

Vou dar um exemplo concreto. Com a educação de jovens e adultos, principalmente na área de alfabetização, o computador, por exemplo, com o software Word, ele permite que as pessoas escrevam textos, e que possam errar sem nenhuma culpa, porque, quando muito, as palavras erradas aparecem com aquela cobrinha vermelha, embaixo da palavra, indicando que tem alguma coisa de desconhecimento naquela palavra, e você pode, em vez de ficar apagando com borracha, amassando o papel etc., você pode ir corrigindo, à medida que as dificuldades aparecem, sem nenhuma culpa e sem nenhum rastro pecaminoso.

Vamos dizer assim, que é algo que atrapalha, muitas vezes, o leitor e escritor iniciante.

A outra coisa, ou seja, o tratamento do erro no computador, é feito de forma muito gentil, o computador faz isso com muita gentileza. Se o professor souber trabalhar, também. E a outra coisa é que o computador permite que se trabalhe com tamanhos de fontes diferentes. Um exemplo muito elementar, mas só para entender. Um adulto que hoje pega um caderno de criança que tem toda a pauta, planejada para a criança de sete, seis anos, começando a tentar ler, o adulto não consegue ler. No entanto, como o computador, tem a fonte dezoito, a fonte dezesseis, a fonte vinte, ele facilita imensamente a leitura e, então, o leitor iniciante descobre um novo mundo de facilidade: que ele é um facilitador da leitura. Portanto, imaginar-se que o trabalho com o computador é antecedido pela leitura, é uma falsa questão. A verdadeira questão é como me aproprio dessa nova tecnologia, para incrementar os processos iniciadores da leitura, e não posteriores à leitura.

NS: Neste sentido, quais as características positivas do computador para a aprendizagem?

FJA: Uma das grandes qualidades que o computador traz para a aprendizagem é a chamada capacidade de pensar sobre o pensamento. Pensar sobre o estilo cognitivo de cada um, pensar sobre os processos que as classes usam para aprendizagem, e os caminhos da aprendizagem colaborativa em rede. Esse tipo de idéia de pensar, pensar sobre o

pensamento, o computador o faz, ou ajuda a fazer, de uma maneira muito eficaz. Por quê? Porque ele permite, na maioria dos programas, que haja o registro da memória, da história do conhecimento de cada um. Na medida em que o aluno evolui, na medida em que o grupo classe se desenvolve. Isso tudo fica registrado em arquivos, em diretórios, em bancos de dados, em mapas etc. e, depois, o professor pode fazer a avaliação, a partir, não de um instrumento final, mas do resultante de todo o trabalho. Ele pode tomar todo o processo de crescimento do aluno e avaliar esse desenvolvimento com o próprio aluno. Portanto, no meu modo de ver, a única forma da auto-avaliação é esta. Aquela em que entrego para o aluno toda a história dele, durante o curso, e pergunto: Como é que você vive? O que você evoluiu? O que aconteceu com você que você poderia ter aprendido mais? Onde você deixou de fazer coisas que poderia ter feito? Auto-avale-se. Nesse sentido é que me parece que o computador tem aí uma grande contribuição para a aprendizagem, menos do que para o ensino, mais para aprendizagem. A folha de papel, o livro, o giz não têm a agilidade que o computador tem.

NS: Quais equívocos têm sido cometidos, referentes ao uso do computador em sala de aula?

FJA: Em primeiro lugar, é a idéia de que ele substituiria o professor. O outro equívoco é que geraria desemprego. Outro é que levaria os garotos e as garotas a uma falta de reflexão. Pensava-se que o computador faria tudo errado. Quer dizer, houve uma série de equívocos com relação ao papel do computador. Hoje, as coisas já estão muito mais claras, mais focadas. E a sua pergunta é muito pertinente e ajuda a gente a ir direto à questão.

Se você pensa na qualidade da educação, o computador pode dar uma contribuição realmente grande. Mas não é ele sozinho. Ele tem que compor um projeto político-pedagógico da escola. O computador só pode ajudar uma escola que tem um projeto pedagógico bom. Se a escola não tiver projeto, ou tiver um projeto equivocado, mal elaborado, fragmentado, o computador piora esse projeto, esse projeto fica pior ainda. Na verdade, o computador é um otimizador do bom ou do péssimo. Com ele, o projeto da escola pode ficar muito pior, se o projeto for ruim.

NS: Que recomendações o senhor faria para um professor que quer trabalhar com computador, porém o seu local de trabalho não está devidamente equipado?

FJA: Parece-me que o único jeito de fazer com mais eficácia, uma entrada nessa área, num local quase sem equipamento, ou sem equipamento nenhum, ou com equipamentos de difícil acesso, é o professor chamar toda a sua classe, a turma de alunos dele, e colocar esse problema para as crianças e para os jovens, e construir com eles um processo de apropriação de tudo que cerca estas tecnologias. Faria com que o próprio professor tivesse

que fazer o curso com seus alunos, seja no que diz respeito à pesquisa aos conteúdos específicos de História, de Biologia, de Literatura, ou do que quer que seja, seja que ele aprenda junto com os alunos. Assim, ele poderá se apropriar criativamente da qualidade para a educação, para a aprendizagem, com o uso das tecnologias. Imagino que a única saída para a sua questão é a de que ele faça isso junto com o aluno. E ao fazer junto com o aluno, ele tem que ir ao diretor, ir ao orientador pedagógico, abrir o seu projeto, para que a escola se co-responsabilize por aquele projeto. Tentar como o franco atirador, fazer um cursinho na esquina, ou comprar um computador para casa dele, ou planejar um curso, para dar aos alunos, é um equívoco. Esse curso certamente será um fracasso.

Então me parece que, pela experiência que tenho, a única modalidade de fazer isso, com acerto pedagógico, é construir um projeto de apropriação do computador no interior das suas disciplinas, com o aluno e com a escola.

NS: Professor Fernando, sabemos que o senhor trabalhou em Moçambique. Como foi este trabalho?

FJA: O trabalho que realizei em Moçambique foi o mais importante trabalho educativo que já fiz em minha vida. Lá aprendi e usei quase tudo que compõe meu repertório de educador, de cidadão e de político. Digo isso porque vi o projeto nascer e pude perceber como a História vai sendo construída. Eu era Vice-Reitor Acadêmico da PUC-SP, à época, quando veio a primeira delegação de Moçambique nos procurar, porque Paulo Freire era nosso professor. Era a ele e à sua metodologia de trabalho que procuravam. Firmamos um vasto convênio de intenções e as tratativas começaram a acontecer. Ao fim do ano de 98, o primeiro curso de doutorado começou. A estrutura era simples. No primeiro ano, as disciplinas obrigatórias seriam dadas pelos nossos professores lá em Maputo. No segundo ano, eles, os doutorandos, morariam no Brasil, e fariam as demais disciplinas. E, no terceiro ano, nós iríamos, a cada 5 meses, a Moçambique, para a orientação das pesquisas. A quarta fase, a defesa, foi no Brasil. Neste processo, formamos, em dois grupos, 18 doutores. No início de 2005, começamos o mestrado, em que teríamos, como assistentes de aula e como co-orientadores dos mestrandos, os doutores que formamos e outros que se candidatassem. E assim fizemos e, no mês de agosto de 2006, vinte e dois mestres defenderão suas dissertações.

Além do saldo, de quase quarenta pesquisadores e mestres formados e qualificados, tivemos um profundo conhecimento, pelo acesso de tantas pesquisas, da cultura, das pessoas, da geografia, da beleza das praias, das savanas, das lutas daquele país, verdadeiramente, irmão!

As lutas pela independência — datada de 1975 —, e as guerras que marcaram este país, trouxeram as mais profundas marcas de heroísmo, de construção da identidade como nação, de conquistas educacionais, muitas delas, tendo como cenário muita violência, muitas mágoas, muita pobreza. Um país que, em 25 anos, passa por 3 modos de produção, saindo de um regime escravista, passando por um socialismo de estado, e entrando num capitalismo ultra-liberal globalizado, tem marcas de profunda ebulação social e política, além das marcas de crises econômicas. É um país jovem, complexo e heróico. E foi neste país, durante estes 8 anos em que lá trabalhei, onde mais aprendi educação, o sentido da luta e do heroísmo. Temos mais de 30 teses e dissertações, que se encontram na biblioteca da PUC-SP, para os interessados.